

## **A Representação Do Negro Na Literatura Brasileira**

NASCIMENTO, Silvina Santana

[silvinanascimento@yahoo.com.br](mailto:silvinanascimento@yahoo.com.br)

SÁTIRO, Nelma Santos

[nelmassatiro@hotmail.com](mailto:nelmassatiro@hotmail.com)

SANTOS, Josane Cristina Batista (Orientadora)

Mestre em Literatura Brasileira, Graduada em Letras e História,

Professora da Universidade Tiradentes

### **Resumo**

A proposta trazida pelo presente artigo é a de explorar a historiografia literária, centrando o olhar para as imagens do negro reveladas pela literatura de forma identitária. Em meio ao objetivo principal, este trabalho procura situar metodologicamente os leitores numa atividade de leitura crítica sobre a representação do negro em algumas obras literárias, focando aspectos teórico-metodológicos, como: Identidade, Cânone, Cultura, Hierarquias etc. É um trabalho de difícil especificidade, principalmente por se tratar de uma visão panorâmica acerca deste traço identitário na Literatura Brasileira.

**Palavras-chave:** Identidade; Literatura Brasileira; Negro.

**Abstract:**

## THE REPRESENTATION OF BLACK IN BRAZILIAN LITERATURE

The proposal brought by this article is to explore the literary history, focusing the view in the images shown by the black identity in literature. Amidst the main objective, this work aims at the methodological activity of readers on a critical reading about the representation of black in some literary works, focusing on theoretical and methodological aspects, such as: Identity, Canons, Culture, hierarchies etc. It is a job of difficult specificity, mainly because it is an overview about the trace identity in Brazilian Literature.

Keywords: identity; Brazilian Literature; black.

O artigo *Representação do Negro na Literatura Brasileira* desenvolverá uma discussão sobre o negro e sua imagem na Literatura Brasileira. Ainda que com intenções de ser uma introdução aos marcos teóricos desse tema, não deixemos de lamentar a ausência de algumas discussões e salvaguardar alguns autores que são muito importantes para esse trabalho.

Seria ideal, por exemplo, ter discutido mais as obras dos escritores renomados que, com suas teses, vêm na cultura literária um campo potencialmente rico para a representação social do negro. Havemos de tentar perceber, através de exemplos, o potencial ora de insubordinação, ora de acomodação dos personagens algumas obras literárias de sistemas literários diversos frente aos poderes hegemônicos de cada contexto sócio-histórico.

Enfim, a lista de ausentes seria enorme se realmente quiséssemos levá-la a cabo. De todo modo, devemos estar conscientes das lacunas. Teremos, durante o trabalho, alguma preocupação cronológica, mas a intenção maior é de estabelecer um diálogo entre os autores

abordados, quando os textos, em alguns casos convergem e em outros divergem, mas acima de tudo se iluminam mutuamente.

A primeira parte do trabalho é voltada para as discussões sobre o processo de formação da sociedade brasileira. Buscamos o apoio em diversos campos do conhecimento: Antropologia, História e Crítica Literária, por exemplo. A segunda parte situa a questão da representação do negro durante a história literária brasileira, como ela foi tratada pelos diversos autores com vistas a auxiliar os seus discursos ideológicos. Algumas vezes será abordada a obra de um determinado autor. Tem-se consciência que esse tipo de expediente não ocorre sem os riscos da mediação feita por terceiros. De todo modo, visto o tempo exíguo que se dispõe, a consecução do trabalho será dada. Será feita também uma rápida incursão nas discussões sobre o a sociedade, o cenário político e cultural brasileiro da época.

Por fim, será tocado durante o texto, o objeto de pesquisa propriamente dito, a saber: a representação do negro na Literatura Brasileira. A pretensão consiste em esboçar os contornos de uma problemática que é de grande profundidade, e que requer, portanto, um aparato conceitual e teórico da mesma magnitude.

## A representação do negro na literatura brasileira

O preconceito contra o negro e sua cultura esteve presente durante a colonização portuguesa no Brasil até os dias atuais. Porém, a literatura se preocupou em tratar do problema racial desde 1584, pois, a partir desta data, foram escritos textos que tratavam das angústias e alegrias dos descendentes africanos em solo brasileiro, destacando que a cultura brasileira teve grande contribuição deles e de seus sucessores.

Para se elaborar um trabalho sobre os afrodescendentes em nosso país, deve-se procurar diversos textos, selecionar obras que comprovam a presença da cultura negra. Seguindo esse pensamento, aqui foram escolhidos trabalhos literários de José de Anchieta (1569) - período da Literatura de Informação.

Gabriel Soares de Souza em 1569, Frei Vicente Salvador em 1627, Cardim e Soares, Padre Antonio Vieira (que foi o mais entusiasta da época, principalmente, na sua obra *Sermão do Rosário* em 1639). As cartas do Padre André Fernandes, em 1632. Também em citações sobre o tráfico de escravos, em 1657, Gregório de Matos descreve aspectos da cultura negra em Salvador. Outro que menciona o negro em sua obra literária foi André João Antonil, na obra *Cultura e Opulência no Brasil por Drogas e Minas* (1711).

Na Escola Mineira, ressaltam-se os poemas *Caramuru* (1781), do Frei Santa Rita Durão, e *Quitubia* (1791), de José Basílio da Gama. Além dessas duas obras, o negro é lembrado somente por Tomás Antônio Gonzaga em *Cartas Chilenas* (1788) e Cláudio Manoel da Costa. Outros três integrantes da Escola Mineira (em Vila Rica 1773, Cláudio da Costa, Silva Alvarenga e Alvarenga Peixoto), a figura do negro é ligeiramente citada. Silva Alvarenga, no poema *O Desertor das Letras*, em 1774. Alvarenga Peixoto deu maior ênfase, como o poema *Canto Genetliaco* de 1782. No século XVII, a Literatura Brasileira tratou

com maior evidência o problema da escravidão negra pois, em 1836, Francisco de Sales Torres Homem faz uma análise dos pontos negativos que a escravidão tinha sobre a economia. Mas a coleção das mais importantes poesias dos poetas brasileiros foi publicada no período de 1829 a 1832 por Januário da Cunha Barbosa e o *Mosaico Poético*, editado em 1844 por Joaquim Barbosa de Sousa e Silva. Porém, só a obra *Ode Pindárica a Henrique Dias*, elaborada em 1819 e 1823, por José da Natividade Saldanha, é totalmente dedicada ao negro.

Gonçalves de Magalhães e Castro Alves escreverão vários trabalhos sobre o homem negro brasileiro. Também em 1844, Manuel Odorico Mendes escreve na revista *Minerva Brasiliense*, o *Hino à tarde* onde trata do negro:

Ó compassiva tarde? Olha-te o escravo,

Sopeia em si os agros pesadumes:

Ao som dos ferros o instrumento rude

Tange, bem como em África adorada,

Quando (tão livre!) o filho do deserto

Lá te aguardava; e o eco da floresta

Da ave o gorgorejo, o trepido regato,

Zunindo os ventos, murmurando as sombras,

Tudo, em cadência harmônica, lhe rouba

A alma em mágico sonho embevecido

Teixeira e Souza, o escritor que iniciou a literatura ficcional no Brasil com o romance *A Filha do Pescador* (1844), publica em 1847 o poema épico *A Independência do Brasil*.

No Romantismo, Gonçalves Dias também fez citações sobre o negro nas obras *A escrava*, em 1846. Entre 1850 a 1860, José Bonifácio de Andrada escreve *Calabar e Saudades* do escravo. Joaquim Norberto de Sousa e Silva publica poesias sobre a vida do negro na revista *Guanabara*, entre elas *Os Palmares*. Outro que se referiu ao negro nesse período foi Bernardo Guimarães, em poema intitulado *Cantos da Solidão*, em 1852, publicando também em 1853 *A crioula*

Trajano Galvão de Carvalho, em 1854, edita mais três obras direcionadas à cultura negra: *Solau* (ou *Jovino, o senhor de escravos*), *O Calhambola* e *Nuranjan*. No ano de 1857, o pernambucano José Maria Gomes de Sousa publica *Henrique Dias*. E o maranhense Joaquim de Sousa Andrade, com as suas obras *A escrava* e *A maldição do escravo*, contribuem também para enfatizar a temática negra em nosso país.

Em 1860 concretizou-se a poesia sobre o negro no Brasil, principalmente com Castro Alves. Mas outros nomes merecem destaque, como o do sergipano Francisco Leite Bittencourt Sampaio, com as poesias: *A cativa*, *O lenhador* e *A Mucama*, do *Livro das Flores Silvestres*, em 1860. O mulato Luís Gonzaga Pinto da Gama, com o livro *Primeiras trovas burlescas* mostra os poemas *Quem sou eu?* e *A bodarrada*, onde lemos a seguinte passagem:

Se negro sou, ou sou bode,

Pouco importa. O que isto pode?

Bodes há de toda casta,

Pois que a espécie é muito vasta...

Há cinzentos, há rajados,  
Baíos, pampas e malhados  
Bodes negros, bodes brancos;  
E, sejamos todos francos,  
Uns plebeus, e outros nobres,  
Bodes ricos, bodes pobres,  
Bodes sábios, importantes,  
E também alguns tratantes....  
Aqui nesta boa terra,  
Marram todos, tudo berra [...];  
Gentes pobres, nobres gentes  
Em todos há meus parentes [...].  
Pois se todos têm rabicho,  
Para que tanto capricho?  
Haja paz, haja alegria,  
Folgue e brinque a bodaria;  
Cesse, pois, a matinada,  
Porque tudo é bodarrada!

Bruno Seabra com sua obra *Flores e Frutos* (1862), Juvenal Galeno, que escreveu *Lendas e Canções Populares* (1865), e Fagundes Varela, autor do poema *Mauro, o escravo*,

que faz parte do seu livro *Vozes da América* (1864). Castro Alves, denominado *o poeta dos escravos*, escreveu dois livros para ilustrar a cultura negra: *A cachoeira de Paulo Afonso* (1876) e *Os escravos* (1883), em que foram mencionados aspectos dos escravos e da abolição nos poemas: *A Confidência*, *Tragédia no mar*, *Saudação a Palmares*, *A visão dos mortos*, *América* e *Tragédia no lar*.

Nos dramas urbanos também foram tratadas questões dos escravos, destacando-se: *O cego* (1855), de Joaquim Manoel de Macedo; *A mãe*, obra escrita por José de Alencar; *História de uma moça rica*, de Francisco Pinheiro Guimarães; e *O escravocrata*, de Arthur Azevedo e Urbano Duarte.

Na segunda metade do Segundo Reinado, observou-se a necessidade se nivelar às metrópoles econômicas. É neste momento que tem influência Joaquim Nabuco, que denominou esse movimento de novo liberalismo. No espelho da nova linhagem, o *porvir* era incomparável extensão a ser apreciada, e além dos poemas de Castro Alves e os textos de Alencar surgiram outros retóricos brasileiros. Surgindo a partir do segundo fluxo liberal, os aspectos do Brasil iam deixando de ser imutáveis, pois, com as características de clima quente para possibilitar a observar os traços de multidão com necessidades econômicas separada em etnias e estratificação social. Deve-se apenas observar o elenco dos inconfidentes brasileiros. Destacando-se Tavares Bastos, Joaquim Nabuco, Raul Pompéia, Euclides da Cunha, Lúcio de Mendonça a Cruz e Sousa, de Luíz Gama a Lima Barreto, de André Rebouças a Manuel Bonfim.

Ainda deve-se evidenciar novamente a figura de Castro Alves que para ter maior reforço em sua eloquência estudou a versão francesa em prosa do trabalho de Heine que foi editado pela Kevie dês Deux Mordes. Heine descreve o comércio negreiro de maneira prática,



e com poucas palavras Castro Alves o traduziu com uma pronúncia clara discursiva e comovente.

Também Cruz e Souza e Lima Barreto utilizaram sua inteligência para ir de encontro aos pensamentos da cultura escravocrata, para ambos “o senhor liberta-se do escravo e traz ao seu domínio o assalariado, migrante ou não”. Não se decretava oficialmente o exílio do ex-cativo, mas passaria a vivê-lo como um estigma na cor da sua pele. (BOSI, p.272)

Após 1843, negros e afrodescendentes começaram a participar de ficção brasileira. Sendo um deles Teixeira e Sousa, que escreveu *A filha do Pescador*. Mas só em 1844 surgiu a primeira obra de ficção brasileira que alcançou grande êxito: *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, que também escreveu, em 1855, *Vicentina*.

No ano de 1882, Aluísio de Azevedo publicou *Memórias de um condenado* que em 1902, foi denominado *A Condessa Vésper*. O personagem Fabrício enviou um bilhete a uma moça pela qual se apaixonou.

– Como te chamas?

–Tobias, escravo de meu senhor [...].

–Hás de me levar um recado à sra. Joana.

– Ponto, lesto e agudo, respondeu o moleque.

– [...] Ouve. Das duas uma; ou poderás falar com ela hoje, ou só amanhã...

–Hoje... agora mesmo. Nestas coisas Tobias não cochila: com licença de meu senhor, eu cá sou doutor nisto [...]. Vá dizendo o que quiser, que em menos de dez minutos minha senhora saberá tudo [...]<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> J. M. de Macedo, *A moreninha*, p.33.

## O Negro Enquanto Tema / Personagem

Gregório de Matos, em seu poema *Juízo anatômico dos achaques que padecia o corpo da República em todos os seus membros e inteira definição do que em todos os tempos é a Bahia* nos dá uma ideia da conjuntura sócio-cultural do negro no século XVII:

Quem são seus doces objetos?... Pretos.

Tem outros bens mais maciços?... Mestiços.

Quais destes lhe são mais gratos?... Mulatos.

Dou ao demo os insensatos,

Dou ao demo a gente asnal,

Que estima por cabedal

Pretos, mestiços, mulatos.

Tal visão colonial ainda pode ser encontrada atualmente, mostrando o caráter atemporal da obra. Logo depois deste poema, podemos fazer menção à obra de Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*, na qual o escravo é visto de maneira mais nobre, em virtude de sua cor branca e suas atitudes europeizadas. O branqueamento social dos negros é mostrado, seguindo modelos de aceitação de acordo com a aproximação dos negros da cultura branca.

Outra caricatura trazida do negro pela literatura é a do negro enquanto vítima, mesmo escravo. Usado como símbolo do abolicionismo, o negro-vítima é representante da ideologia romântica libertadora. Castro Alves, em *Navio negreiro*, retrata a desumanidade do tráfico escravocrata. Em *A cruz da estrada*, o mesmo poeta sugere que a liberdade plena dos escravos somente é conseguida com a morte, que os libertam das amarras sociais e os conduzem ao reino celeste.

Contudo, o negro sempre está numa posição hierárquica inferior, ora suplicando perdão pela existência da África, ora sendo relacionado a uma raça voraz e não-civilizada. Lembremos, mesmo assim, que os negros já formavam núcleos habitacionais organizados: os quilombos. Mas o poeta é fruto de uma sociedade escravocrata, mesmo sendo o maior representante da luta abolicionista. Vê o negro como um ser que sofre, mas a nação “branca” precisaria se livrar da escravidão. Nota-se, aqui, que o objetivo é a aparência de uma sociedade pautada nos valores brancos tidos como vanguarda do seu tempo, que deveria abolir a escravidão.

Em 1864, Fagundes Varela traz a lume o poema *Mauro, o escravo*, com um herói negro. No mesmo período surge o negro infantil, o negro ingênuo, outro estereótipo da raça: *O demônio familiar*, de José de Alencar, e *O cego*, de Joaquim Manuel de Macedo. A própria Bertoleza, personagem de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, traz este ser ingênuo, contudo agora é vestido com a ideologia do Naturalismo.

Trajano Galvão de Carvalho traz um escravo diferente, orgulhoso, na obra *O calhambola*. O escravo-demônio aparece em obras menos conhecidas de Joaquim Manuel de Macedo, de José do Patrocínio, de Coelho Neto e, surpreendentemente, em uma obra de autoria feminina: *A família Medeiros*, de Júlia Lopes de Almeida.

O negro pervertido pode ser visto em *O bom crioulo*, de Adolfo Caminha, onde aparece a temática homoafetiva, e em *A Carne*, de Júlio Ribeiro, onde a convivência com os escravos mal cria uma branca, a Lenita. Já com Monteiro Lobato, vemos o negro inferior em *O presidente negro*.

Em *Juca Mulato*, poema de Menotti Del Picchia, o mestiço tem sentimentos e é dotado de forte carga lírica. Mas essa é uma exceção, pois o negro passou a ser considerado objeto sexual, altamente erotizado, como as personagens e Firmo Rita Baiana, em *O cortiço*. O poema de Jorge de Lima traz a *Nega Fulô*. Mário de Andrade cria os *Poemas da negra*, onde suaviza a imagem erótica, desembocado em personagens de Jorge Amado. Este último é responsável por uma imagem agradável do negro na literatura nacional, como os personagens Jubiabá e Gabriela. O negro exilado numa cultura brasileira é visto em poemas de Raul Bopp, em Urucungo. Em *Macunaíma*, Mário de Andrade traz uma visão cômica de todas as raças, igualando o negro às demais etnias constitutivas do povo brasileiro, desconstruindo os estereótipos. Adonias Filho traz os negros Setembro e Olegário como seres cristãos.

Contemporaneamente, temos várias obras destinadas à denúncia de racismos contra afros-descendentes. Vinícius de Moraes, Ariano Suassuna, João Ubaldo Ribeiro, Nelson Rodrigues. Eis exemplos de autores que utilizam personagens nesta perspectiva, Como não lembrar do Jesus Cristo negro da parte final de *O Auto da Compadecida*, escrita por Ariano Suassuna?

## AUTORES NEGROS NA LITERATURA BRASILEIRA

Personagens negros também podem ser vistos em obras de escritores negros ou descendentes destes: Domingos Caldas Barbosa, o romântico Gonçalves Dias, Jorge de Lima e Mário de Andrade. O próprio *Macunaíma* nasce negro e se torna branco ao se banhar nas águas. Eis a metáfora da europeização que suprime uma origem.

No que respeita a Machado de Assis, o mulato canônico é considerado um marco literário que afirma a etnia negra. Há quem critique o branqueamento das obras machadianas, contudo seria ele imparcial a questões de raça.

Outro grande expoente da literatura nacional é Cruz e Souza, negro e criado pelos senhores donos de seus pais, depois alforriados. Sofreu preconceitos e perseguições por causa de sua cor. Retratou em suas obras o descaso ao negro, agarrando-se à causa abolicionista. Dor e esperança, ideal e realidade, branco e negro, luz e sombra são tônicas de suas poesias, explicitando a luta das classes paradoxais quanto à cor de pele.

Literatura feita por negros surge com Luís Gama, no fim do século XIX. O poema *Quem sou eu?* ilustra a ironia e o sarcasmo deste poeta. Outro precursor é Lima Barreto, escritor canônico que retrata a sociedade fluminense, tem editada a obra *Clara dos Anjos*, onde uma mulata é traída por causa de sua cor. A literatura engajada ganha força a partir de 1940, quando os escritores visam conscientizar os afros-descendentes de seu papel social e cultural para o país.

## TENDÊNCIAS PÓS-MODERNAS

O momento, enquanto conjuntura teria, outrossim, especificidades históricas e, mesmo apresentando semelhanças com outros momentos, o momento pós-moderno não copia o anterior tal como foi outrora. A construção sócio-histórico-cultural não seria, destarte, a mesma em períodos distintos. A questão da semelhança, logo além, traria também a discussão para o âmbito da especificidade da questão em si. Para Hall, citando West, haveria três eixos:

O primeiro é o deslocamento dos modelos europeus de alta cultura, da Europa enquanto sujeito universal da cultura (...); O segundo é o surgimento dos EUA como potência mundial e, conseqüentemente, como centro de produção e circulação global de cultura (vale lembrar que esse surgimento ocorre de maneira simultânea pois há o deslocamento e uma mudança hegemônica da definição de cultura); O terceiro eixo é a descolonização do Terceiro Mundo, marcado culturalmente pela emergência das sensibilidades descolonizadas. (p.335-336)

Os momentos críticos serviriam de aberturas no historicismo que permitiriam a contestação do *status quo* da alta cultura das, inserindo-se matizes culturais populares não-aceitos anteriormente, como uma soma ao modelo cultural existente anteriormente. A cultura negra, assim como demais vozes (ou culturas) caladas pela História e pela alta cultura, encontraria respaldo nessas brechas abertas pelo materialismo histórico, plantando as sementes que poderiam, ou não, germinar em terreno alheio (da alta cultura de valores populares).

A contemporaneidade tende a considerar as diferenças, e é com esta tendência que as culturas minoritárias emergem nos discursos cultural, político, ideológico dentre outros. As lutas pelas diferenças, pelas subjetividades e pelas identidades se tornam freqüentes e necessárias para a incorporação desses fatores à sociedade canônica. Tal hegemonia cultural

não se restringe a raças, mas a outros grupos quaisquer que necessitem da obtenção identitária. Contudo, tal incorporação não significa que houve perda ou ganho por parte de nenhum grupo. Há apenas a incorporação ao poder cultural, e não mais a marginalização perante o mesmo.

Stuart Hall discorre também acerca da palavra “popular” e toda a carga semântica geralmente negativa posta sobre ela. É entendida, muitas vezes, como algo inferior, de valor reduzido. Tal cultura é baseada nas experiências de pessoas comuns, prazeres, memórias e tradições de uma sociedade. É no terreno do senso comum que a hegemonia cultural é produzida, e se torna objeto de lutas.

Já no que respeita à cultura negra em si, a mesma não pode apoiar-se em binarismos, pois estes seriam antagonismos alienantes e excludentes. Há no meio do caminho várias posições, degraus a serem alcançados e descidos, numa constante busca identitária, apenas dependendo da necessidade de subida e / ou de descida. Nestes degraus mostramos apenas representações aos outros e a nós mesmos, buscando constantemente nossa identidade e nos afirmando com elas para o todo social, recolhendo nossos cacos e, ao colá-los, perdendo novos pedaços de nós mesmos.

Numa sociedade globalizada, multicultural, é imprescindível tal abordagem, pois está mais do que na hora de fazer-se ouvir determinada voz calada pelo historicismo (BENJAMIN, 1993). Segundo Bauman (2005, p 40) “É improvável que qualquer modelo com base num único fator seja capaz de dar conta da complexidade do ‘mundo em que se vive’ e abranger a totalidade da experiência humana”. De acordo com tal autor, uma identidade genérica não dá conta de identidades menores, presentes, por exemplo, na sociedade enquanto organismo vivo e, até mesmo, no ser humano, enquanto sistema complexo e parte do todo ao mesmo tempo. Isso corrobora a Teoria da Complexidade, de Morin et ali (2003).

Tanto na escrita poética quanto na prosa, o negro é um objeto cênico, um recurso que proporciona beleza e graça aos textos literários, além de representar os anseios mais profundos de seus autores por satisfação. Raramente sendo visto como um indivíduo protagonista independente. Por ser a narrativa / poema quase sempre centrado numa personagem branca que se debate em seus conflitos, acaba por relegar o negro ao segundo plano, de onde se evidencia um pouco do contexto social da obra. A imagem tradicional que se tem do negro aliada ao uso contínuo da diferenciação por meio da raça pode acabar incutindo (se é que já não incutiu) um sentimento segregativo, a ponto de crermos que o indivíduo da cor negra é quase como um ser de outra espécie ou de outra natureza. Entretanto, estariam os negros de hoje esboçando uma reação e destruindo essa imagem recorrente de renegados, dependentes, submissos, passivos, detentores de deveres e gostos diversos do homem branco? Já não se tem notícia de profissões exclusivamente brancas ou negras. Muitos dos acalorados discursos teológicos estão sendo silenciosamente refeitos e reinterpretados, além da igualdade de direitos finalmente parecer ter chegado a um ponto satisfatório. Poder-se-ia dizer que o negro estaria se livrando da condição que lhe foi imposta, deixando de ser “negro”? Se colocarmos sob o termo “negro” toda aquela idealização arcaica e parcial dos homens de antanho, concluiremos que, de fato, tal indivíduo oriundo do continente africano



não mais existe ou então está com os seus dias contados. Surge, neste século, a necessidade de uma nova noção de humanidade, agora despida de qualquer barreira preconceituosa, apta para encarar um mundo saturado pela idéia frenética de se modernizar cada vez mais. Não mais incorrendo no erro de se discriminar por raça, credo, gênero, posição social ou opção sexual.

## Referências

ALENCAR, José de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: J.Aguilar, 1958.

ALVES, Antônio de Castro. "*Os escravos*" In: *Obra completa*, Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1960.

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1987.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1959, vol. III.

AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. São Paulo: Martins Fontes, 1964.

\_\_\_\_\_. *O cortiço*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1974.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. (Trad. Carlos Alberto Medeiros.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o Conceito da História*. In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Trad. Sergio Paulo Rouanet). 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. V. 1, p. 222-232.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, 2 ed., São Paulo: Cultrix, 1979.

\_\_\_\_\_. *Dialética da Colonização*. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes: 1964. (vol. 1)

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Imagens do negro na literatura brasileira (1584-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Col. Tudo é História: nº 151)

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*, 6 ed., São Paulo: Ática, 1976.

HALL, Stewart. *A Identidade na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e GuaciraLopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro : DP&A, 2003.

LIMA, Jorge de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1958. (vol. 1)

LOBATO, Monteiro. *A onda verde e O presidente negro*. São Paulo: Brasiliense, 1951.

MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos*. (sel., introd. e notas de José Miguel Wisnik) São Paulo: Cultrix, 1976.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*, 15 impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SOUSA, João da Cruz e. *Obra completa*, Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1960.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da compadecida*, Rio de Janeiro: Agir, 1970.